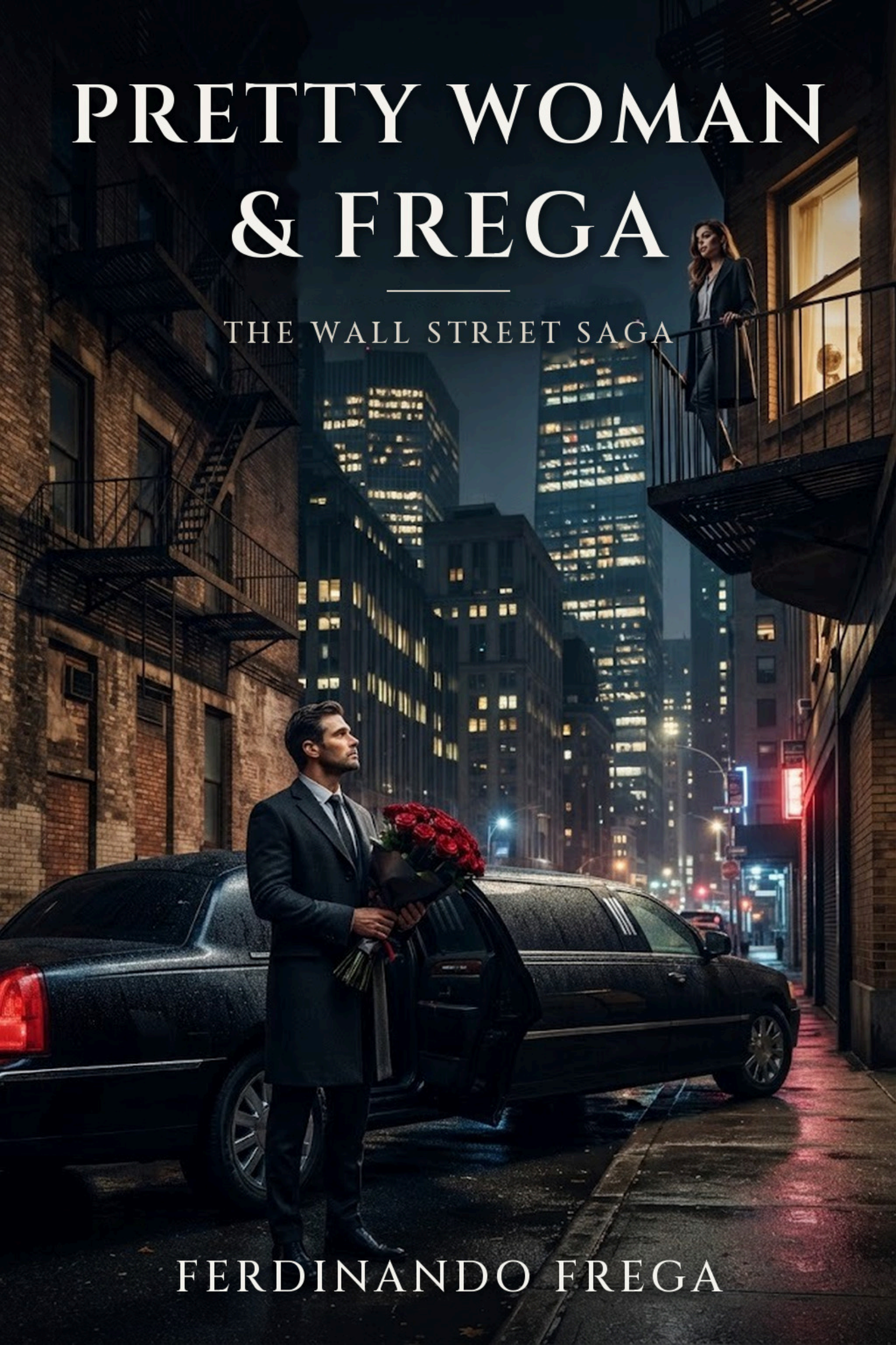
PRETTY WOMAN & FREGA

THE WALL STREET SAGA



FERDINANDO FREGA

Pretty Woman, Frega & Wall Street

A Saga Wall Street

Alguns filmes viram clássicos. Outros viram espelhos.

Pretty Woman virou as duas coisas.

Milhões de pessoas assistiram e viram uma história de amor.

Eu assisti de novo e vi outra coisa.

Vi um filme sobre a solidão disfarçada de riqueza.

Um filme feito para sonhadores, especialmente os que nunca chegaram aonde queriam chegar e encontraram refúgio na fantasia, e não na realidade.

Ao longo dos anos aprendi que os filmes nunca revelam seus segredos no enredo. As partes interessantes ficam escondidas nos detalhes.

Edward Lewis é um titã das finanças.

Ele pode comprar empresas.

Pode comprar hotéis.

Pode comprar um andar inteiro de um prédio sem olhar o preço.

E, no entanto, não consegue encontrar uma mulher.

É por isso que acaba conhecendo uma numa rua de Hollywood.

Não porque esteja procurando sexo.

Porque está procurando conexão.

A ironia chega a doer.

Quanto mais rico ele fica, mais longe parece estar da única coisa que não pode comprar.

Costuma-se dizer que as mulheres procuram homens ricos.

Essa nunca foi a minha experiência.

A maioria das mulheres não está procurando riqueza.

Está procurando estabilidade.

O dinheiro em si costuma ser apenas uma ferramenta.

Comida na mesa.

Segurança para os filhos.

Proteção para as pessoas que elas amam.

A mulher pensa em termos de pessoas.

O homem muitas vezes pensa em termos de ativos.

Essa diferença explica mais sobre a história humana do que a maioria dos manuais de economia.

Depois há a suíte de cobertura.

O melhor quarto.

O andar mais alto.

O tipo de vista que as pessoas bem-sucedidas deveriam aproveitar.

Só que Edward não consegue aproveitar.

Ele tem medo de altura.

É dono do ponto mais alto do prédio, mas nunca olha de verdade lá para fora.

Conheço muita gente assim.

Passam a vida inteira subindo.

Depois chegam ao topo e descobrem que têm medo da vista.

Mais tarde ele admite que comprar a empresa do pai o fez se sentir bem.

Pense nessa frase.

Um bilionário comprando conforto emocional.

Uma aquisição corporativa usada como terapia.

A empresa nunca foi o objetivo.

O sentimento, sim.

O balanço era apenas o sistema de entrega.

Depois vem o meu momento preferido.

A grama.

Ela pede que ele ande descalço.

Nada de sala do conselho.

Nada de advogados.

Nada de negociações.

Só um homem sentindo a terra debaixo dos pés.

Por alguns segundos, o sumo sacerdote de Wall Street se reconecta com algo mais antigo do que o dinheiro.

A realidade.

A natureza nunca manda fatura.

É por isso que tanta gente bem-sucedida acaba sentindo falta dela.

A contradição seguinte é melhor ainda.

Ele defende a dignidade de uma mulher que, de início, contratou.

Enfrenta um dos próprios sócios pela honra dela.

O homem de negócios que entrou na relação acreditando que tudo tinha um preço descobre de repente que certas coisas não têm.

Respeito.

Dignidade.

Afeto.

Confiança.

Os mercados são excelentes em dar preço às coisas.

São péssimos em dar valor a elas.

O filme podia ter terminado ali.

A lição já estava completa.

Mas Hollywood entende a fraqueza humana melhor do que a maioria dos filósofos.

A realidade raramente vira sucesso de bilheteria.

A fantasia, sim.

Então, Edward volta com rosas vermelhas.

A limusine chega.

A música cresce.

O conto de fadas é entregue exatamente no horário.

E o público sai acreditando que o amor venceu o dinheiro.

Eu não tenho tanta certeza.

Acho que o filme sobrevive porque conta uma história diferente.

Não a história de uma mulher resgatada por um homem rico.

A história de um homem rico resgatado de si mesmo.

Há uma razão para os homens de terno caro amarem esse filme há décadas.

Não porque sonhem em ficar ricos.

Muitos deles já são.

Assistem porque desconfiam que deve haver alguma coisa além do próximo negócio, da próxima aquisição, do próximo bônus, da próxima vitória.

Continuam procurando provas.

Para muitos deles, Pretty Woman é uma prova.

Uma fantasia de duas horas que sugere que ainda pode haver um ser humano debaixo do terno sob medida.

Então, o que resta depois que os créditos sobem?

Não as rosas.

Não a cobertura.

Não o dinheiro.

Nem mesmo a história de amor.

O que resta é uma observação simples.

Tudo o que um homem constrói começa com uma mulher em algum lugar ao fundo.

Uma mãe.

Uma irmã.

Uma esposa.

Uma filha.

Uma desconhecida.

E, cedo ou tarde, a vida tem o estranho hábito de trazê-lo de volta a essa verdade original.

O erro é acreditar que ela pode ser comprada.

Não pode.

A jogada mais inteligente é prestar atenção.

E esperar.

Porque as mulheres têm um radar para casos especiais.

Na maioria das vezes, elas os reconhecem muito antes dos homens.

Ferdinando Frega

BLADEFREGA

A Saga Wall Street